

juventude e suas representações

RESUMO

As representações sociais construídas a respeito da juventude universitária se cons-tem no eixo articulador deste artigo. Utilizamos a metodologia qualitativa, e privile-nos conteúdos de entrevistas que nos remontam às diversas experiências de estu-tes no âmbito da participação política e das interpretações que fazem a respeito dos- do cotidiano. Verificamos que há um novo universo de manifestações, estrutura-em formas coletivas de ação, não identificadas pelos velhos ícones da participação-tica clássica.

Palavras-chave: juventude universitária; representação social; ação política.

A discussão teórica sobre Juventude foi amplamente retomada em meados da década de 90, no Brasil, abordando vários aspectos deste segmento social, e é particularmente observada em autores das ciências sociais, com os quais podemos realizar

como ponto de partida estudos que vêm sendo realizados há algum tempo, versando sobre a participação sócio-política² dos estudantes universitários. Este comportamento sócio-político vai referir-se a uma ampla e complexa gama de ações³ - objetivas e subjetivas - no campo sócio-cultural e político. De um lado, estas ações podem ser comprometidas, conscientes e transformadoras da realidade e, de outro, podem se caracterizar de forma meramente reprodutiva ou conservadora. Assim, o comportamento sócio-político é, para nós o produto de uma percepção singular do jovem, a respeito de sua própria vida, de sua situação social e da sociedade na qual está inserido. Esta percepção singular é, portanto, uma apreensão intelectual que o jovem realiza a respeito das relações sociais, culturais e políticas.

Pilares metodológicos

Aqui apresentaremos representações sobre a juventude, manifestadas em entrevistas realizadas a partir de um roteiro de questões previamente elaborado, que pretendeu identificar suas bandeiras e estratégias de luta e as críticas e perspectivas que os estudantes têm sobre as representações e suas próprias atuações políticas. Entrevistamos estudantes universitários da Unesp - campus de Bauru/SP e destes, 11 foram selecionados⁴, sendo oito homens e três mulheres. Deste total, três têm participação efetiva em diretorias de centro e/ou diretório acadêmico, sendo que um estudante participa também de órgão colegia-

do, as experiências anteriores destes alunos se deram no âmbito de grêmios estudantis e grupo de jovens da religião católica. Dos demais, um é ex-dirigente de diretório e os sete estudantes restantes ou têm participação em grupos de pesquisa, atividades religiosas, culturais, ou apenas frequentam as aulas. A faixa etária dos entrevistados está situada no intervalo entre 18 e 25 anos, correspondendo nos limites destas faixas, a alunos de 1º e de 5º ano de faculdade.

Utilizamos a metodologia qualitativa, porque nos possibilita compreender ações e concepções de mundo que vivificam a dinâmica social dos novos sujeitos, nos levando a compreender as formas de intervenção da juventude.

A questão central deste estudo esteve voltada à hipótese de que as ações da juventude atual são de outra natureza, em relação a das décadas anteriores. As particularidades históricas e conjunturais da sociedade brasileira nos anos 90 produziram um tipo de ação estudantil esvaziada do conteúdo político em seu sentido clássico. Isto não implica dizer que a juventude não se manifesta e não participa, que ela é 'alienada' de seu tempo e de sua sociedade, mas apenas que, atualmente, a natureza de suas ações se caracteriza de forma diversa àquela que a identificou em outras décadas. A nossa hipótese é de que existem ações concretas que fundamentam a participação política efetiva, porém, fundadas em outros parâmetros, voltados a posturas éticas e humanitárias e ações dirigidas à cultura, com vistas à construção da cidadania, buscando organizar estratégias de participação democrática, que se fundamenta na articulação entre a cultura e a política.

Os objetivos que derivaram da questão central visavam: a) identificar algumas ações decorrentes do comportamento sócio-político do jovem estudante, a partir das manifestações sociais na conjuntura brasileira; b) identificar algumas das 'bandeiras' de luta da juventude; c) identificar empiricamente os jovens, buscando per-

particularidades históricas e conjunturais da sociedade brasileira nos anos 90 produziram um tipo de ação estudantil esvaziada do conteúdo político em seu sentido clássico.

uma importante revisão bibliográfica sob diferentes enfoques: concepções bio-psíquicas, na relação com o trabalho, educacionais e políticas, construindo, dentro destas distintas perspectivas, modelos de análise e interpretação dos diversos modos de ser jovem. Há, portanto, um painel de óticas já construídas sobre o assunto¹, elaborando desta forma um importante quadro de referência temática.

A orientação principal deste artigo é apresentar uma discussão sobre as formas de percepção da juventude universitária sobre a juventude. O texto está organizado sobre dois eixos principais: discussão dos conteúdos apresentados pelos estudantes e percepção das diretrizes estabelecidas a partir de suas ponderações, e tem

ceber o que pensam, quais os seus ideais, quais as atividades extra curriculares que realizam, em suma, qual o seu comportamento sócio-político; d) verificar através da coleta de dados, qual é a dinâmica da participação destes estudantes.

Percepção a respeito da juventude

Os entrevistados falam da juventude como se não fosse um momento de realização e de desafios a serem superados, como se não fosse um momento particularmente fértil e diferenciado da vida, como nos fazem crer alguns analistas. Não há equívocos e subterfúgios nas respostas de nossos entrevistados. Ao contrário, fazem uma análise 'crua' a respeito do que pensa a juventude atual e de que forma age, em razão de serem sujeitos que resultam de relações competitivas e individualistas, segundo eles enunciam. A problemática da juventude, em geral, é motivo de análise de um entrevistado, que antevê problemas de difícil solução, à medida em que percebe a juventude, de certa forma, abandonada à própria sorte

"... eu paro e fico observando a situação, que antes não era uma coisa genérica, você encontrava um ou outro caso, os meninos que eu vejo de 17, 18 anos não estudam e não trabalham, muitos deles mexem com droga. Engraçado, antes você encontrava um ou outro, era uma coisa mais restrita. Agora está generalizada esta condição social, estão super infantis, você observa e fica escutando o que eles falam, é completamente assuntos infantis, são pessoas que não se amadureceram, mas aí eu sei lá, tendo uma visão sistêmica da coisa, o problema é tanto da família como social." [S6]

Esta observação remete a problemas verificados cotidianamente, e que se estruturam em problemas da sociedade como um todo: o desemprego, a falência de valores, a imaturidade decorrente da ausência de processos educativos mais consistentes. A questão do uso de drogas é um dos problemas sérios que a juventude enfrenta, resultante da falta de metas e objetivos mais consistentes, que não são

encontrados apenas nas camadas mais pobres da sociedade. Embora o entrevistado não tenha especificado a questão no âmbito da universidade, sabemos, ao menos empiricamente, que o problema também está colocado.

Quando os entrevistados são questionados a respeito dos ideais da juventude e se estes são coletivos ou individuais, eles são unânimes em dizer que são individuais e apontam quase sempre para a preparação da vida profissional, econômica e afetiva;

"Hoje eu vejo assim, bem individualizado entendeu? A pessoa tá indo bem num emprego, todo mundo quer um emprego que ganhe dinheiro para se sustentar... é isto que todo mundo pensa, que todo mundo quer. O projeto é este, sobreviver." [S1]

"O capitalismo moderno incute nas pessoas um individualismo latente, hoje os ideais coletivos são considerados retrógrados e 'demodê' pela juventude." [S2]

"Os meus amigos, das minhas relações pensam assim: preciso de emprego, tem que trabalhar. Acho que as pessoas não estão pensando longe não, é mais no imediato, a situação está muito ruim... Acho que tem um pouco da frustração, de querer fazer algumas coisas e não poder... tem muita coisa legal que está acontecendo, que a gente não tem como ter acesso, então fica um pouco da frustração de não poder fazer... Tenho que me conformar... Os ideais vão pro saco... quem sabe um dia..." [S3]

"Na maioria, são individuais." [S4]

"Individuais, constituir família, bom emprego para ter estabilidade financeira e uma vida com conforto." [S5]

"... eu acho que a juventude está um pouco, entre aspas, perdida. O contingente de pessoas drogadas, com AIDS, porque eu acho que a AIDS acaba sendo um problema de desinformação, a pessoa não saber se prevenir. Acho que os jovens hoje não têm muito ideal das coisas, de melhorar a vida, aquele negócio que eu falei, são tão alienados que acaba aceitan-

do tudo o que é imposto, tudo o que vier de cima, acaba não tentando mexer nas bases que fundamentam os problemas. Eu acho que pela própria característica da sociedade capitalista criou-se o individualismo, eu não sei se é por aí que passa a questão, mas cada um se volta para o seu próprio ideal. ... mas eu falo que fica meio perdido por isso, porque a maioria dos jovens hoje acaba querendo mexer com drogas ou se não fica uma certa alienação que se fecha para outros problemas e questões." [S6]

"(os ideais) são crescer, ser alguém na vida, ter um bom emprego, ganhar um bom dinheiro. Acho que são ideais particulares. A única coisa que posso afirmar é: em se tratando de gente, ser humano, homo sapiens, sempre há a possibilidade de se pensar e de se idealizar coletivamente. Na juventude, tanto mais." [S7]

"Totalmente individuais, reflexo de um campo de trabalho restrito e pela grande dificuldade de se mudar de condição sócio econômica pessoal." [S8]

"São individuais: vencer sem se importar com as conseqüências, ganhar dinheiro e ter muitas namoradas." [S9]

"São o alcance do sucesso profissional e pessoal, procurando fazer com que seu país se desenvolva e que a qualidade de vida geral melhore. Em parte os ideais são coletivos e em parte, individuais." [S10]

"Enquanto a gente não tem uma família, nós pensamos em coletividade." [S11]

Tais afirmações remetem à falta de perspectiva de vida coletiva, que não existe nem mesmo na universidade. São raros os programas sistematizados voltados ao trabalho coletivo que indicam a necessidade de sua existência. Tais experiências poderiam ser concretizadas nos trabalhos de extensão à comunidade, mas estes são pouco explorados. A própria instituição não valoriza este aspecto, não raro os trabalhos de extensão se voltam ao cumprimento formal das exigências universitárias, atendendo demandas nem sem-

o recorrente a afirmação do individualismo da juventude, ao menos uma exceção se mostra no campo do "movimento cultural", onde aparentemente os estudantes agem de forma coletiva.

pre comprometidas com a formação dos alunos e sim com aquelas das instituições. A extensão não ganhou ainda o status de atendimento à comunidade, como deveria ser seu princípio ordenador, colocando o aluno frente às possibilidades de realização do trabalho coletivo.

Com frequência, nossos entrevistados fazem constar em suas reflexões que a juventude, apesar de ter algum tipo de participação política, é muito individualista. Tais afirmações apenas reforçam o que já constatamos

"A juventude hoje atua na sociedade principalmente através de movimentos culturais, como a música e o esporte. A participação política tradicional como conhecemos é relegada, sendo substituída por uma inserção do jovem na sociedade por vias individuais (este fato fica claro quando percebemos que os jovens hoje dão mais valor a uma profissão que lhe dê um retorno material)." [S2]

Percebemos que, sendo recorrente a afirmação sobre o individualismo da juventude, ao menos uma exceção se mostra no campo do "movimento cultural", onde aparentemente os estudantes se inserem de forma coletiva. No que diz respeito aos interesses no campo da formação profissional e do trabalho, entendemos que não há de mérito em priorizá-los, e consideramos até mesmo um pressuposto que o trabalho seja privilegiado. Implicitamente, os entrevistados indicam que sendo esta formação obtida na universidade pública, os profissionais daí egressos não se voltam aos interesses desta mesma sociedade.

Os entrevistados, na esteira das críti-

cas que fazem à juventude, tendem a considerá-la, em geral, alienada e apática;

"(na sociedade falta) solidariedade, educação, saúde. Relações afetivas mercantilizadas já desde a infância... se eu der este brinquedo, você gosta de mim? Apatia perante situações que dizem respeito a sociedade como um todo (por exemplo: a luta isolada de grupos para manter a universidade pública)." [S4]

"Quando você é jovem, sonha que pode mudar o mundo, aí fica velho vê que não é tão fácil e enquadra-se ao sistema. A juventude jamais desempenhará no Brasil um papel de contestação." [S9]

"... acho que eles não tem consciência do seu papel, porque, por exemplo, é lógico que uma pessoa só não vai mudar nada, mas se ele fosse mais um integrante de um movimento poderia modificar a estrutura básica de muita coisa, e acho também que é assim da própria pessoa, inerente à pessoa, a imaturidade, a alienação." [S6]

"Acomodados, sim. Acho assim, tá bom prá eles, então deixa quieto, não vai procurar, não faz nada. Que nem aqui, tem um movimento para protestar contra o restaurante que tem aí, que a gente quer o R.U. Então, às vezes tem lanche natural no DADICA, estas coisas. Mas a maioria pensa assim, sei lá, não posso generalizar, não tenho conhecimento com as outras pessoas, mas pelo que você vê, dá prá perceber que, se eu tenho dinheiro no momento, tenho dinheiro para pagar a minha comida ali no restaurante, eu vou e pronto." [S1]

"... eu não sei o que acontece, parece que as pessoas estão anestesiadas, é a impressão que eu tenho, estado de ficar olhando, quer fazer alguma coisa mas não sabe o que fazer, não tem muita vontade de fazer, não sabe por onde começar, não sei... eu vejo até por mim, eu me acho um pouco assim, às vezes eu olho algumas coisas e reclamo mas não me sinto muito ativa, eu acho que eu poderia também ter aquela coisa, não ser a uma, são poucas pessoas perto de muitas e você não consegue fazer

muita coisa." [S3]

Estes relatos denotam uma profunda descrença em si próprios. Quando explicitam a apatia, a falta de consciência crítica e de força para as mudanças, o comodismo, o fato de estarem anestesiados, estão, ao mesmo tempo, falando da falta de objetivos, da falta de projetos de transformação (ou reformas) da sociedade, que lhes sejam atraentes. À medida que constroem estas reflexões sobre os estudantes, não dão conta de articular esta situação com o resto da sociedade, de onde poderia emergir uma compreensão mais totalizadora sobre a inoperância dos sujeitos.

Como não contextualizam esta 'acomodação' da sociedade, atribuem à juventude a ausência de participação de qualquer natureza, afirmando inclusive que não demonstram interesse por ações de cunho social;

"(participação) nenhuma, porque o jovem de hoje em dia não se preocupa com o que acontece a seu redor, preocupa-se apenas com o que acontece a si." [S9]

"Eu vejo em cursos no nosso campus, que a turma leva os cursos nas coxas, fazem por fazer, sem nenhum compromisso pessoal e profissional com aquilo que está fazendo, não tem um envolvimento assim, querendo ou não, independentemente da profissão que vai envolver um contexto maior, que se ele não tiver um compromisso pessoal com o que está fazendo... [S6] Um pouco é falta de informação, dela estar consciente, às vezes porque a própria escola não estimulou esse senso crítico, a consciência da pessoa. Quero ver ela própria ser oprimida, ser prejudicada, se não é ela, a sua classe social, ela não sabe protestar contra aquilo que ela está sendo submetida." [S6]

"Aqui mesmo quando eles vem falar este tipo de coisa (política), o pessoal fica meio que... não se interessa muito, não tem nem procura muito contato. Se aqui fica vazio, lá fora ninguém se interessa." [S1]

Estas análises apresentadas pelos entrevistados revelam aspectos bastante complexos em relação à concepção

que os estudantes têm a seu respeito. Reproduzem de maneira acrítica todos os "lugares comuns" que a ideologia dominante produziu sobre a juventude, como se o seu 'nervo ético' tivesse mesmo se quebrado e o 'desbunde e a apatia' fossem suas características fundamentais e como se ela se sustentasse apenas na lógica do 'salve-se quem puder' e não pudesse avançar no sentido de ações de maior densidade.

As afirmações dos entrevistados se mostram contraditórias na medida em que, quando confrontadas outras respostas dadas pelos mesmos estudantes, no decorrer das entrevistas, eles destacam ações que implementam em diferentes dimensões da vida, quer acadêmica, quer pessoal, criando outras referências.

Quando se reportam ao estudante em geral, fazem críticas em abstrato, pautadas em uma visão funcionalista e no senso comum, não recriando o contexto da situação real das ações da juventude e, desta maneira, adulterando o foco de suas reflexões. Analisam a juventude como resultante da internalização de regras sociais, do inculcamento de normas e padrões estabelecidos, o que cria as condições de uma análise que engessa a juventude atual sob uma interpretação ancorada no desinteresse e no individualismo.

Desta forma, reforçam a interpretação recorrente de que apenas a geração dos anos 60 ousou sonhar e se comprometer com a mudança social, como analisa Abramo. Esta visão da maioria dos entrevistados atribui à juventude atual, uma certa patologia social, que se caracteriza pelo individualismo, conservadorismo, apatia, desinteresse, desqualificando sua atuação como sujeitos históricos capazes de ações propositivas.

Conclusões

Conforme vimos, a acomodação pode ser resultante da forma como os estudantes incorporam as contradições a que são expostos na vida universitária. Se houver frustração de expectativa, choque de normas nos diversos grupos que participa, choque entre expectativa profissional e situação do mercado de trabalho, etc., estes elementos podem desencadear contradições, que os estudantes poderão in-

corporar às suas ações revelando um comportamento de enfrentamento, ou não incorporar, por pressão estrutural do próprio sistema, adotando um comportamento conformista. É provável que a tematização das lutas atuais não digam respeito aos interesses desses alunos, e este seria um elemento a mais para a acomodação a que eles fazem menção, que concretamente se refere a um distanciamento de ações que não tem significado em seu universo, naquele dado momento.

Por outro lado, temos que observar que há um novo universo de manifestações, estruturado em formas coletivas de ação que não são identificadas pelos velhos ícones da participação política clássica e talvez por isto, não sejam reconhecidos enquanto tal. No entanto, se consideramos que "a juventude diz mais a sua maneira de agir e de pensar através do modo de vestir e nas músicas do que nas opiniões" [S8], se "as ações de solidariedade podem ser expressas pelas caronas" [S5] e se "ações de interesse recíproco e de responsabilidade mútua têm surgido, como os movimentos de assistência estudantil relacionados à moradia..." [S7], verificamos que os estudantes têm inserções concretas como atores coletivos, no meio acadêmico.

Aqueles que estão envolvidos nos movimentos religiosos, culturais, nas instâncias de representação discente e nos movimentos de solidariedade, "os alunos do curso me apoiaram, fizeram campanha para levantar fundos para custear as despesas com remédio, fisioterapia, os próprios professores do departamento se uniram..." [S6], representam, cada qual ao seu modo, formas singulares de participação política, distintas de formas clássicas já superadas e/ou revistas.

Autora:

* Prof^a. Dr^a da UNESP - Campus de Bauru - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Notas:

- 1 Consultar Revista Brasileira de Educação, 1997, especialmente os textos de PERALVA, ABRAMO, SPÓSITO, MISCHÉ entre outros.
- 2 O sentido de participação aqui apresentado se refere às formas de integração do indivíduo em um grupo, sociedade ou instituição, podendo se manifestar de diferentes modos (emocionais e intelectuais), indo desde a simples

adesão a grupos ou associações até a absorção do indivíduo no todo grupal, sendo que esta participação pode ter caráter ativo ou passivo. No sentido que utilizamos, participação se refere às intervenções realizadas no âmbito das ações políticas, quer no campo cultural, religioso ou político, propriamente dito.

3 O conceito de ação social é central nas ciências sociais e identifica, de forma geral, toda ação dotada de significado, da qual resulta interação entre os diversos sujeitos, podendo vestir-se ou não de linguagem simbólica, segundo a tradição não-marxista. Na tradição marxista, exprime os modos de produção essencialmente relacionados com as formas de trabalho. Em sentido restrito, é toda estratégia que visa reivindicações sociais ou processos de reforma da sociedade, ou de um de seus aspectos, utilizando técnicas diversas e graus de articulação, de expressão e de maturidade ideológica diferentes. Coube a Max Weber estabelecer a distinção entre ação, definida como aquela que embora ocorrida na intimidade dos seres humanos, acha-se orientada por outros atores e comportamento, que se expressa como a exterioridade da ação. (Dicionário de Ciências Sociais, 1986, p. 11-12).

4 Os entrevistados serão identificados por S (sujeito) 1... 11, sempre que utilizarmos suas opiniões fornecidas nas entrevistas, evitando assim, identificações pessoais.

Bibliografia

- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. IN: Revista Brasileira de Educação, n° 5-6: Juventude e Contemporaneidade, SP: Anped, p. 25-36, maio-dezembro 1997.
- ABRAMO, H. W. Expressões e manifestações culturais da juventude, IN: PJ A Caminho, n° 64, p. 5-14, Porto Alegre: Instituto de Pastoral de Juventude, 1996.
- ADAMO, F. e outros., Juventude: trabalho, saúde e educação. RJ: Forense - Universitária, 1987.
- ALMEIDA, L.L. O jovem estudante universitário: um estudo sobre o comportamento sócio-político. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica - PUC/SP, 1999.
- DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. RJ: Fundação Getúlio Vargas, p. 11-12, 1986.
- FORACCHI, M. M. O estudante e a transformação da sociedade brasileira. SP: Ed. Nacional, 1977.
- FRANCO, M. L. e ZIBAS, D. Final do século: desafios da educação na América Latina. SP: Cortez Ed., 1990
- MADEIRA, F. Os jovens e as mudanças estruturais na década de 70: questionando pressupostos e sugerindo pistas. Cadernos de Pesquisa, SP, n° 58, 1986.
- MISCHE, A. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. IN: Revista Brasileira de Educação, n° 5-6: Juventude e Contemporaneidade, SP: Anped, p. 134-150, maio-dezembro 1997.
- PERALVA, A. T. O jovem como modelo cultural, IN: Revista Brasileira de Educação, n° 5-6: Juventude e Contemporaneidade, SP: Anped, p. 15-24, maio-dezembro 1997.
- SANDOVAL, S., LHULLIER, L. A., CAMINO, L. (org) Estudos sobre comportamento político - teoria e pesquisa. Florianópolis/SC: Letras Contemporâneas, 1997. (Coleção Ensaio)
- SILVA, J. I. de A. Estudantes e política - estudo de um movimento (RN 1960-1969). SP: Cortez Ed., 1989.
- SPÓSITO, M. P. (coord) e outros. O trabalhador estudante - um perfil do aluno do curso superior noturno. SP: Ed. Loyola, 1989.
- SPÓSITO, M. P. Estudos sobre a juventude em educação. IN: Revista Brasileira de Educação, n° 5-6: Juventude e Contemporaneidade, SP: Anped, p. 37-52, maio-dezembro 1997.